

O imaginário de um grupo de avós idosos responsáveis por seus netos adolescentes em vulnerabilidade

The Imaginary from groups of elderly-grandparents that are responsible for their grandchildren in condition of vulnerability

Vera Lucia Espindola Saito
Altair Macedo Lahud Loureiro

RESUMO: Neste artigo, buscou-se conhecer o imaginário de um grupo de avós, com mais de 60 anos de idade. A pesquisa teve um cunho qualitativo e foi desenvolvida com um grupo de seis avós. Os dados míticos foram obtidos por meio do Arquétipo Teste de Nove Elementos, o AT-9, de Yves Durand, e na voz dos avós, em narrativas. A análise se fez apoiar na Teoria Antropológica do Imaginário, de Gilbert Durand, e revelou a predominância do Imaginário, no qual a pseudodesestrutura e a desestrutura se deixaram ver.

Palavras-chave: Imaginário; Avós; Netos.

ABSTRACT: *In this article we seek to know the Imaginary a group of grandparents the over 60 years old. The research had a qualitative nature and was developed with a group of six grandparents responsible for grandchildren in condition of vulnerability. The mythical data was obtained by means of the Archetype Nine Elements Test, the AT 9 of Yves Durand and by the voice of the grandparents in narrative. The analysis was supported by the Anthropological Theory of the Imaginary of Gilbert Durand and revealed the predominance of the Imaginary where the pseudo-destructure and destructure were seen.*

Keywords: *Imaginary; Grandparents; Grandchildren.*

Introdução

Para a efetivação da matrícula em uma escola pública do Distrito Federal, constatou-se a necessidade de os alunos terem vínculo familiar. Com isso, percebeu-se a presença do idoso de maneira significativa, atendendo a essa exigência, intermediando, como familiar responsável pelo aluno, seu neto, a relação com a escola.

Esses idosos aparecem desempenhando diferentes papéis nas famílias, ora como dependentes, ora como provedores, no papel de avós e também como responsáveis por netos junto à escola.

A escola em pauta trata-se da Escola do Parque da Cidade/PROEM, sendo uma escola do Ensino Fundamental do DF que surgiu como primeira escola de horário integral dessa Unidade da Federação, oficializando-se mediante a Resolução n.º 453, de 18/02/1981, e sendo inaugurada em 30 de julho do mesmo ano (Distrito Federal, 2012).

A escola foi criada com a finalidade de garantir a escolarização de crianças e de adolescentes que se deslocavam do entorno do Distrito Federal em busca de trabalho, no Plano Piloto/Centro de Brasília. Esse trabalho era caracterizado por serviços informais, geralmente desenvolvidos no espaço público, expondo-os aos perigos e ameaças das ruas e, sobretudo, privando-os da escola, bem como da infância.

A escola em pauta promove a reintegração do aluno com defasagem idade/série, que já foi excluído das outras unidades escolares, evadidos do ensino regular, em situação de vulnerabilidade pessoal e social, por meio do conhecimento e da cidadania. A EPC/PROEM-DF é uma escola que recebe alunos em vulnerabilidade¹ com e sem conflito com a lei. São considerados em vulnerabilidade, porque:

- na Região Administrativa de onde procedem não conseguem acompanhar o ritmo escolar tido como normal pela legislação atual de ensino;
- apresentam histórico pessoal e familiar de conflito com a lei;
- apresentam envolvimento pessoal e ou familiar com drogas.

Por tal, eles são considerados pela EPC/PROEM-DF como pessoas em vulnerabilidade que poderiam ser marginalizados pela sociedade e prejudicados na sua

¹ Vulnerabilidade é entendida como condição de risco, exclusão social em que uma pessoa ou grupo se encontra. (Gadotti, 2000).

autoestima. A EPC/PROEM-DF, por meio de uma educação diferenciada no ritmo, mas não no conteúdo exigido no ensino fundamental, centra as atividades na cidadania, ética e estética.

Percebeu-se a relevância de se desenvolver esta pesquisa - integrada ao projeto coordenado pela Prof.^a Dr.^a Altair Macedo Lahud Loureiro, denominado “O Imaginário de grupos de idosos-avós e a qualidade de vida - Avosidade” -, considerando a possível influência desta situação dos avós junto à escola e a importância de se desvendar a estrutura do imaginário do grupo, bem como detectar o prazer ou desprazer dos sujeitos da pesquisa - os avós.

A pesquisa desenvolveu-se amparada nos preceitos básicos das teorias, gerontológica, do imaginário e da educação, considerando a temática da família e da avosidade, buscando as representações imagético-simbólicas dos mesmos, aquilatando a estrutura ou desestrutura do seu imaginário, relacionada com as ações e falas dos referidos sujeitos. Sabe-se que o imaginário se forma na simbiose de interior ativo (psiquismo) e exterior dinâmico (cultura). Assim sendo, buscou-se conhecer a cultura que envolve a existência desses idosos e da qual e na qual eles estão impregnados e a impregnam, pertencentes a uma camada social carente e que tem sonhos a realizar e desgostos a expressar na situação aqui enfocada.

Escutar esses avós, saber como eles vivem, como entendem e se relacionam com os netos, escola e família, buscar a presença mítica do fenômeno, ler nos microuniversos míticos, registrados em protocolos do Arquétipo Teste dos Nove Elementos - teste AT-9, o nó que aglutina as imagens evidenciando a estrutura antropológica do imaginário, foi a tarefa executada.

Partiu-se dos pressupostos durandiano² e bachelardiano³ de que o imaginário detém o poder organizador, que tem potência organizativa, e que subjaz a qualquer pensamento, palavra ou ação. Objetivou-se, ainda, conhecer o imaginário do grupo de avós, com mais de 60 anos de idade, responsáveis por seus netos junto à escola. O Imaginário é, para Gilbert Durand (1989, p.14), “o conjunto de imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”, ou ainda “um campo balizado pelo conjunto de ‘representações’ numa cultura dada” (Durand, G., 1989,

² Durandiano refere-se ao pensamento de Gilbert Durand, filósofo e antropólogo que propôs a Teoria do Imaginário.

³ Bachelardiano refere-se ao pensamento de Gastón Bachelard (1884-1962), filósofo e ensaísta.

p.14), e foi identificado por meio de escuta e dos registros em protocolos do Arquétipo Teste dos Nove Elementos, criado por Yves Durand.

Em muitas famílias dos alunos da EPC/PROEM-DF, é o idoso que vai à escola para saber do neto; é ele a referência para acompanhar o desenvolvimento escolar do aluno, devido à condição de ser avô ou avó, ou por determinação da Justiça. O Imaginário desses avós evidencia, como se refere Loureiro (2004, p.38), ao “esquema que subjaz as ações e as posturas, às atitudes e a visão de mundo de cada um ou de cada grupo”.

As famílias têm se modificado com o passar do tempo e um dos fatores que pode contribuir para essa modificação é a longevidade. Para Dias (2011), a família, seja qual for o modelo: nuclear/união de fato/união livre/família recomposta, ou família homossexual, é uma união de pessoas unidas por laços de consanguinidade, de afetividade ou interesse e que convivem estabelecendo uma relação de influências múltiplas. Uma família é considerada como um sistema aberto, que sofre a influência de outros subsistemas, assim o comportamento de um dos membros da família influência e é influenciado pelos outros.

A família atual pode, por vezes, ser uma união de pessoas com diferentes interesses, de diferentes gerações, cuja autoridade e obrigação estão em segundo plano e a educação formal religiosa e moral é delegada à escola. A família tradicional era regida por autoridade, obediência e obrigação, mas em todos os tipos de famílias os conflitos podem existir (Goldfarb & Lopes, 2006, pp. 1374-1382).

Devido à longevidade, aumentou também o número de avós e a quantidade de anos em que uma pessoa viverá como avô ou avó. A função de avós está sempre presente e independe de ser aceita ou não pelos próprios avós. A avosidade faz parte da estruturação psíquica do sujeito e está ligada à maternidade e à paternidade. A função de avós vai depender de como este, agora avô, desempenhou a função de pai/mãe, se foi bem ou mal-sucedida e será reconhecida quando quem ocupa esse lugar puder ter realizado função simbólica de se colocar como pai-mãe de um pai-mãe (Goldfarb & Lopes, 2006).

A dimensão familiar foi considerada para a análise do envelhecimento, como fator principal na figura dos avós, sujeitos da pesquisa. Existem preconceitos em relação aos idosos como: “o velho não sabe nada”, “o seu tempo já passou”, “os mais jovens são mais capazes”. Estes preconceitos emperram a reflexão sobre a família e o envelhecimento.

O imaginário destes avós, como convivem os conflitos e as contribuições, é o que vimos com o auxílio dos instrumentos eleitos de pesquisa nesta investigação, aqui apresentada como artigo. Foi o que se objetivou desvendar, pois se partiu do pressuposto de que o Imaginário - conjunto relacional de imagens - está sob qualquer atitude, pensamento ou ação. A estrutura do imaginário emergida na pesquisa levou ao entendimento das palavras ditas e executadas pelo grupo de avós, nesse contexto.

Tratou-se, então, com a velhice, o processo de envelhecimento e as realidades díspares dos velhos, quer dizer, com a heterogeneidade do fenômeno, a complexidade do processo e as idiosincrasias das realidades, enfim, com a tessitura da situação apresentada.

Vive-se mais e, por isso, envelhece-se mais. O idoso é um ser humano rico para quem se permitir ouvi-lo e acolhê-lo; isso feito, é entrar em contato com histórias, vitórias e tragédias, algumas verbalizadas e outras registradas nos regimes de imagens e estruturas do imaginário.

Imaginário e Arquétipo Teste de Nove Elementos

Para fundamentar e apresentar a Teoria do Imaginário, G. Durand (1989) apoia-se, entre outros autores, em Bachelard, Betcherev, Dumézil, Freud, Jung e Bergson. Este estudo desenvolveu-se mais especificamente baseado na obra de G. Durand (1989), em que a teoria do imaginário é como uma rede de imagens, cujo sentido dá-se pela relação estabelecida entre elas, organizando-se de acordo com certa estruturação, de modo que a configuração mítica de imaginário depende da forma como se arruma nele as representações de imagens, e é dessa configuração que decorre o poder de melhorar o mundo, recriando-o cotidianamente, pois o imaginário é o denominador fundamental de todas as criações do pensamento humano.

Para Loureiro (2004, p.16), “O imaginário é, portanto, a condição dada ao homem para vencer o tempo e a morte”. É um lugar de criatividade onde se desenvolvem processos de enfrentamento do destino e se elaboram meios representativos, simbólicos, retóricos, de finalidade “defensiva” ou acomodativa em face da fatalidade da morte e da inexorabilidade do passar do tempo.

Para Laplantine e Trindade:

O imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e por sua vez, o simbólico, pressupõe a capacidade imaginária. [...] O imaginário, portanto, de maneira geral, é a faculdade originária de por ou dar-se, sob a forma [...] uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção. (Laplantine & Trindade, 1997, pp.23-24).

De acordo com G.Durand (1989), o imaginário é o alicerce fundante sobre o qual se constroem as concepções de homem, de mundo, de sociedade.

Para G.Durand (1989), a equibração antropológica é entendida como uma constante reequibração, uma constante complexificação das produções simbólicas e imaginárias reelaboradas, e não o equilíbrio estático, filosófico, de ordem. A angústia original é tida como o enfrentamento do tempo que se esgota e, portanto, anuncia a morte.

Segundo Teixeira (2010, p.86), “[...] o imaginário tece as redes simbólicas que interferem na nossa leitura e organização do mundo e sustentam os comportamentos e as ações humanas em sociedade, dentre as quais a violência e as reações que ela provoca”.

Para Nogueira (2005, p.101), “O Imaginário encontra-se subjacente ao modo de ser, sentir e agir dos indivíduos e da cultura”.

Ao conceber as estruturas antropológicas do imaginário, G. Durand (1989, p.34) foi buscar na reflexologia Betchereviana o princípio da classificação e a noção de “gestos dominantes”. Ao estudar os reflexos primordiais, descobriu duas dominantes no recém-nascido humano: a dominante de “posição” (heroica), que coordena e inibe todos os outros reflexos, ligada à sensibilidade estática, e a dominante de “nutrição” (mística). A terceira dominante natural foi estudada em rãs adultas, por J.M.Oufland (como citado em Durand, 1989) e é a dominante de movimento “copulativo” (sintético/dramático ou disseminatório).

A partir do estudo dessas três dominantes, resultou a identificação das estruturas antropológicas, distribuídas nos dois regimes de imagem: o regime diurno e o regime noturno. No regime diurno, está a estrutura heroica; no noturno, a estrutura mística e a estrutura sintética/disseminatória.

Yves Durand, aluno de Gilbert Durand, validou a teoria do Imaginário do mestre, criando um modelo normativo denominado “Arquetípico Teste de Nove Elementos” - Teste AT-9. Esse autor entendeu que, se na concepção antropológica de

G.Durand, a ordem estrutural do imaginário era pertinente, também seria possível reencontrá-la em fatos relevantes da criatividade imaginária do homem comum. O objetivo desse teste projetivo foi o de identificar os núcleos organizadores da simbolização, os universos míticos que se constituem ao longo das histórias individuais e/ou grupais. Ele criou um teste que consegue tocar o trajeto antropológico, decodificando ou deixando emergir dele os microuniversos míticos dos indivíduos e/ou o universo mítico dos grupos.

Para Loureiro (2004, p.23), o teste se apresenta como um instrumento, composto por uma parte desenhada (o desenho) e de uma parte escrita (narrativa); de um quadro-síntese e de um pequeno questionário. O desenho e a narrativa são elaborados a partir de nove palavras-chave, nove elementos (estímulos arquetípicos), a saber: queda, espada, refúgio, monstro devorante, alguma coisa cíclica, personagem, água, animal e fogo. Conforme ainda a autora, a escolha desses elementos não foi aleatória; tendo sido considerados seus significados mais profundos, para que servissem de motivação ao sujeito, funcionando como estímulos para fazer emergir a problemática da angústia diante do tempo mortal e os mecanismos e meios que o sujeito encontra para resolver cada situação.

Gerontologia, Velhice e Avosidade

O interesse pela velhice é antigo, mas foi somente nas últimas décadas do século XX, com o aumento da população idosa, do decréscimo das taxas de natalidade e dos avanços das ciências, que o fenômeno da velhice passa a ser sistematicamente estudado (Papaléo Neto, 2006, pp.2-12). As pessoas estão vivendo cada vez mais, por mais tempo e “como envelhecer” vai depender da maneira como cada uma investiu para essa fase da vida, como escreveu a sua história. O envelhecimento traz transformações nas características pessoais biológicas, psicológicas e sociais nos valores éticos, estéticos e no modo de perceber aceitar ou não esse envelhecimento.

O ser humano está vivendo mais, mas é necessário que a longevidade seja acompanhada por qualidade de vida. A longevidade tem implicações importantes para essa qualidade, podendo trazer problemas como incapacidades e dependências, mas também o idoso pode envelhecer com autonomia e independência, desempenhando papéis sociais e permanecendo ativo.

Para Loureiro:

A velhice é apenas uma das etapas da vida e que, portanto deve e pode ser (bem) vivida e considerada como as demais; que o homem (ser humano) velho é um velho, mas que é um ser humano e como tal precisa continuar vivendo, dando e recebendo, sem e apesar de, o estereótipo negativo que as sociedades/culturas lhe impingem. (Loureiro, 1998, p.38).

Muitas são as velhices, muitos são os papéis que os idosos desempenham; por isso é importante acreditar que há sempre possibilidades avançadas, imprescindíveis ao nosso abastecimento para a luta por uma velhice bem sucedida. “O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente ligados” (Papaléo Neto, 2006, p.9).

A Gerontologia, segundo Neri:

é o campo multi e interdisciplinar que visa à descrição e à explicação das mudanças típicas dos processos de envelhecimento: repousa no eixo formado pela biologia, psicologia e pelas ciências sociais e comporta interface com profissionais de várias áreas entre elas: a clínica médica e o serviço social entre outros (Neri, 2001, pp.54-62).

Ao chegar à velhice, já se possui uma grande bagagem, podendo-se pender para o positivo, com sabedoria, por exemplo, ou para o negativo, com rigidez ou falta de sonhos. As características positivas devem ser maximizadas e as negativas devem servir como experiência para acerto de rota.

Para Santos (2006, pp.1302-1306), o envelhecimento é uma fase da vida, e a forma como se envelhece está determinada pela história de vida, em todos os períodos da existência.

A religiosidade também aparece com destaque na velhice. Estudos de Pazini e Bandeira (2007) demonstraram que pessoas com envolvimento religioso têm menor probabilidade de usar drogas e apresentam menor comportamento de risco. A espiritualidade também aumenta a resistência ao estresse e a resiliência é maior. Segundo as autoras, o *coping* religioso/espiritual tem sido citado como melhor preditor de resultados e saúde.

Para Vicente Alves:

Respeitar e cultivar a religiosidade do idoso é ajudá-lo a descobrir os valores humanos religiosos de sua vida e viver esse tempo de sua existência na serenidade e na paz que só Deus sabe dar (Alves, 2006, p.52).

O que acontece em uma família depende do que foi transmitido de geração em geração, do legado que cada criança recebe ao nascer, o qual estrutura a sua vida psíquica.

Famílias com idosos e de idosos formam estruturas domiciliares marcadas pela convivência entre as gerações o que possibilita que um número grande de crianças tenha a oportunidade de conviver com seus avós. A importância dos netos para os avós é eloquente e negar o acesso dos avós a seus netos pode ser nocivo para ambos (Aratangy & Posternak, 2011, p.58).

A temática do ser avô, os termos vovozice e avosidade, aparecem em Goldfarb e Lopes (2006, p.1379) como “denominação de uma problemática conflitiva humana: um neto representa promessa de vida em relação a certos ideais e morte em relação ao declínio físico e a consciência de finitude”.

Ainda conforme as autoras, “a avosidade não remete a uma idade cronológica, mas a um laço de parentesco localizado nas filiações trigeracionais, do ponto de vista pessoal, familiar e social” (Goldfarb & Lopes, 2006, p.1379). Nesta pesquisa, foram considerados os avós idosos com 60 anos ou mais de existência.

O papel dos avós na vida dos netos é fundamental, pois alguns avós desempenham função de apoio familiar, no papel de cuidadores, prestando apoio afetivo e financeiro e principalmente no papel de transmissores de valores intergeracionais. Pode, no entanto, acontecer de os avós, que precisavam ser cuidados, serem explorados por seus familiares, tendo que assumir, nem sempre por sua vontade, o papel de pai ou mãe das crianças e adolescentes da família.

Em 2002, Gauthier propôs outra classificação dos estilos dos avós: os “encarregados”, que são os avós que substituem os pais na educação dos filhos; os “especialistas”, avós com menos tempo e que estão presentes apenas em alguns setores e especializam-se neles, por exemplo, ajudar os netos em algumas atividades como tarefas escolares; e os “passivos”, que convivem somente em ocasiões especiais, podendo ser quase ausentes ou ausentes.

Cabe aos pais, na posição de avós, permitirem que seus filhos assumam a sua função parental sem se ausentar da função de ser avó/avô (Goldfarb & Lopes, 2006). O idoso pode exercer a sua função de avó/avô sem sobrecargas ou estresse. Os autores acrescentam que o lugar e a função de avós pode se confundir com o papel dos pais, com os avós assumindo o papel de pais dos seus netos. É o caso dos avós desta pesquisa.

Para Arrais (2012), “ao assumir a posição de pais, os avós irão sobrepor as responsabilidades de mãe/pai e avó/avô no exercício de suporte à família”. Os avós sujeitos desta pesquisa assumem a responsabilidade de pais. A sobrecarga é evidente, quando dona Acácia diz: “[...] *quando ele não morava comigo eu viajava e passeava muito*”.

Família

A família aparece, na Constituição Brasileira de 1988, em dois artigos:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 2010).

Para o Estatuto do Idoso, Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003, a família é contemplada no art. 3º:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 2012).

Não se pode falar de família, mas de famílias, para que se possa tentar contemplar a diversidade de relações que convivem na sociedade.

No imaginário social, a família seria um grupo de indivíduos ligados por laços de sangue e que habitam a mesma casa. Pode-se considerar a família um grupo social composto de indivíduos que se relacionam cotidianamente, gerando uma complexa trama de emoções. A família redefine seus limites, distinguindo-se das outras relações. O crescimento de novos estilos de vida e de novos arranjos familiares atesta que a sociedade contemporânea passa por um processo sociocultural de re-diferenciação e de re-definição da família com relação a outras relações primárias (Petrini, 2008; Dias, 2011).

Método

A pesquisa tem um cunho qualitativo, mas não desprezou dados quantitativos quando oportunos, em uma paradigmática holonômica⁴.

As narrativas ou depoimentos dos avós idosos foram ouvidos quanto à sua vida pregressa em geral e relacional (intergeracional) na família, suas práticas e representações diversas. O estudo foi desenvolvido com a utilização do teste AT-9 e a escuta dos idosos (entrevistas não estruturadas).

Contextualização

O estudo, como já mencionado, foi desenvolvido com um grupo de seis avós responsáveis por netos em vulnerabilidade, alunos em uma escola pública do DF: EPC/PROEM-DF. O teste utilizado e as entrevistas não estruturadas aconteceram na escola e nas residências dos avós sujeitos da pesquisa.

⁴ Etimologicamente, *holus*, em grego, significa todo. Os paradigmas holonômicos centram-se na totalidade, valorizando a complementaridade, a convergência e a complexidade; afasta-se das verdades absolutas (Abramovay *et al.*, 2002). Holon, palavra criada por Artur Koestler para designar subsistemas que são, simultaneamente, “todos” e “partes”, e enfatizou que cada “holon” tem duas tendências opostas: uma com tendência integrativa, que funciona como parte do todo maior, e uma tendência autoafirmativa, que preserva a sua autonomia individual (Paula Carvalho, 1990, p.2013).

Amostra

O teste foi realizado com seis avós, bem como com estes foi procedida a escuta. Foi considerado como limitação para a participação na pesquisa ter o avô ou avó menos que 60 anos de idade. A escuta individual e a realização do teste foi efetivada pela pesquisadora. Foram cinco sujeitos do sexo feminino e um do sexo masculino, todos com idade entre 60 e 89 anos.

Instrumentos

A investigação do Imaginário do grupo de avós deu-se, como dito, por meio da realização do teste AT-9, teste criado por Yves Durand. O teste se compõe por desenho, narrativa, um pequeno elenco de perguntas e de um quadro para explicitar as representações de imagens, a função e o simbolismo atribuído a cada um dos nove elementos do teste, pelo grupo sujeito da pesquisa. Os depoimentos ou narrativas foram escutados individualmente, colhidos na fala de cada um dos sujeitos. Quando permitido pelos avós, foi usado gravador.

Obtenção de dados

Para selecionar os idosos, foi obtida permissão da direção da EPC/PROEM-DF. No momento em que foi solicitada a participação dos avós idosos, foram explicados os objetivos da pesquisa. A seleção foi feita por conveniência e os idosos que demonstraram interesse e disponibilidade em participar da pesquisa foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atestando seu conhecimento e voluntariedade em participar da pesquisa.

A coleta de dados deu-se em reuniões de acolhimento, com o preenchimento de uma ficha contendo questões referentes aos dados preliminares, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a realização do Arquétipo Teste de Nove Elementos (AT-9), de Yves Durand. O teste permite levantar e conhecer as representações de imagens e símbolos, desvendar as representações imagético-

simbólicas. A escuta das revelações verbalizadas, relatos de experiências e a execução do teste foram realizados em um único encontro com cada idoso. Primeiro, foi realizado o teste e, depois, procedeu-se à escuta. Foram utilizados nomes fictícios, nomes de flores em substituição à identidade dos sujeitos, preservando-se, dessa forma, o anonimato, em observância as questões éticas. Os seis idosos foram escutados separadamente, alguns em suas casas, como Dona Violeta e Dona Acácia. Seu Cravo, Dona Rosa, Dona Jasmim e Dona Dália participaram do estudo nas dependências da escola.

Os dados obtidos com a realização do teste AT-9 foram cruzados com as falas oferecidas pelos sujeitos.

Procedimento de análise de dados

Com a conclusão da etapa da obtenção dos dados, teve início a transcrição e a análise do conjunto relacional das imagens. Foram realizadas, entre as análises preconizadas por Yves Durand (1988), as análises Estrutural, Elemencial e Funcional.

A análise Estrutural leva à identificação do imaginário contido em cada protocolo e no grupo, se deixando ver sua característica: se esquizomorfa (heroica), antifrásica (mística), sintética/disseminatória/dramática ou desestruturada.

A estrutura heroica refere-se a um imaginário de luta de não aceitação do preestabelecido.

Loureiro, ao falar sobre a dominante postural, diz:

[...] situada no regime das imagens aciona o ideário e a imaginária da purificação, da luta, do combate da guerra, da análise, despertando assim simbolismos heroicos (esquizomorfos) representados por armas, espadas, flecha, gládio (Loureiro, 2004, p.17).

A estrutura mística - com ideias de acomodação, de aconchego de envolvimento, de cômico, de recipiente (dominante digestiva); refere-se à construção de uma harmonia, em que se evita a polêmica e há a procura da quietude e do gozo - recursos ou símbolos de inversão e de intimidade. Refere-se a um imaginário de paz e tranquilidade que eufemiza o medo.

A estrutura sintética/disseminatória/dramática - que concilia a dualidade de intenções de luta e de aconchego; refere-se aos ritos utilizados para assegurar os ciclos da vida, atua harmonizando os contrários por meio de um caminhar histórico e progressista - recursos símbolos de caráter cíclico. Expressa a dualidade de intenção em diversos tempos. Na estrutura sintética disseminatória, há a harmonização dos contrários, quer dizer, as imagens são representadas aglutinadas nos dois nós aglutinadores, nos dois polos, no heroico e no místico ao mesmo tempo (sincrônico) ou em tempos diferentes (diacrônico). Acontece, por vezes, a não estrutura ou a pseudodesestrutura, quando as imagens aparecem soltas sem coerência mítica evidente. (Durand, G., 1989).

Alguns universos míticos podem fugir dessas categorias propostas. Y. Durand (1988, pp.129-132) considera a “Estruturação defeituosa”, na qual classifica em “não estruturadas verdadeiras” ou “desestruturadas” e “pseudodesestruturadas”. Para Rocha Pitta (1979, como citado em Loureiro, 2004), os protocolos com “Estruturação defeituosa” se apresentam da seguinte forma: a) desestruturados reais (os elementos são desenhados com os nomes escritos ao lado dos desenhos ou enumerados, não ligados entre si); b) subgrupos não estruturados (os elementos não ligados entre si); c) pseudodesestruturado (os elementos estão presentes e espalhados, mas a história os junta); d) unificada (estrutura temática não formulada).

A análise Elemental ou Morfológica trata dos detalhes das representações das imagens, das funções e dos simbolismos atribuídos a cada um dos nove elementos do teste (Loureiro, 2004, p.45).

A análise Funcional consiste em inventariar os simbolismos atribuídos a cada um dos elementos do teste, identificando neles a ideia de vida ou morte, sinalizando-os com sinal positivo ou negativo e expressá-los em uma fração ordinária. Nessa fração, o numerador indicará o número de simbolismos positivos e o denominador o dos simbolismos negativos. A fração imprópria indicará um microuniverso simbólico positivo, tendente à ideia de Vida, e o contrário, a fração própria, indicará a presença de ideias de Morte (Loureiro, 2004).

Resultados e Discussão

O universo mítico emergido

Quando se refere a avós, o pensamento voa para expressões como “mães com açúcar”, “os pais educam e os avós deseducam”, “casa de avó tudo pode”, mas a realidade dos avós aqui referidos não é essa. Ao dar voz aos avós, foi possível perceber essa diferença de situação, e constatar o que é envelhecer quando se é responsável pelos próprios netos, sendo alguns destes, no caso aqui estudado, usuários de drogas ou filhos de usuários, com muitos dos pais em conflito com a lei.

Os avós ouvidos falaram sobre as circunstâncias da vida, dizendo: “*Eu cuido do meu neto desde que meu filho foi assassinado*”; “*Minha filha é usuária de drogas, ela está na rua... eu amo meu neto, eu não vou deixar ele na rua também*”. Apesar da situação adversa dos avós, verifica-se que estes se preocupavam, no sentido de que a situação vivida na relação filhos-netos não se repetisse; percebemos neles um certo “heroísmo”, apesar da desestrutura assim manifesta: “*Eu trouxe meu neto para essa escola porque ele estava muito defasado*”, quando um desses avós discorreu em relação à aprendizagem e seriação escolar de seu neto.

Com uma análise apoiada em autores/pesquisadores, foi possível buscar as respostas arquetípicas do imaginário desses avós com mais de 60 anos, surgidas nos seus trajetos antropológicos e estampadas na realização do Teste AT-9 e nas escutas, por meio de entrevistas abertas.

Na análise dos protocolos AT-9, os resultados da análise estrutural apresentaram o seguinte resultado:

- Imaginário Pseudodesestruturado com tendência mística impura: protocolo n.º 1, Dona Violeta;
- Imaginário Pseudodesestruturado com tendência mística, protocolo n.º 2, Dona Rosa;
- Imaginário com Estrutura Sintética, protocolo n.º 3, Dona Jasmim;
- Imaginário Desestruturado com traços de heroísmo, protocolo n.º 4, Seu Cravo;
- Imaginário Místico impuro, protocolo n.º 5, avó Dona Acácia;
- Imaginário Sintético com traços de estruturação defeituosa, protocolo n.º 6, Dona Dália.

O resultado vem confirmar o que Y.Durand (1988, p.139) coloca: “A idade tem um duplo efeito: ela contribui para fazer aparecer o imaginário do tipo místico e a ter dificuldade de estruturação”. O grupo de avós da pesquisa apresentou uma variação de idade de 60 a 89 anos e um percentual de 50% de imaginários desestruturados, ou pseudodesestruturados ou com estruturação defeituosa, o que, segundo Y.Durand (1988, p.138), não comporta relação significativa com a idade, o que não é regra absoluta, porém. O desequilíbrio entre as pulsões subjetivas (interiores) e as pressões (externas) deixa ver, no trajeto antropológico, a desestrutura do imaginário, de desejos e deveres, sabendo-se que o imaginário funda todo o pensamento, palavra e ação; as ações e as palavras desses idosos se apresentam sem coerência lógica. Os outros 50% do total de sujeitos idosos da pesquisa também confirmam o encontrado por Y.Durand em suas pesquisas: as pessoas idosas apresentam um imaginário místico e sintético. Apenas um dos idosos, o mais idoso, com 89 anos deixa ver laivos de heroísmo em seu imaginário. Imaginário esse que ainda pode se reestruturar em sua relação com os netos e a escola.

Na análise funcional, foi detectado um imaginário positivo, quer dizer, de vida em relação à morte, uma posição positiva em relação aos obstáculos a serem vencidos. Algumas vezes esses avós encontram dificuldades, tendo a angústia e o medo presentes, mas agem como responsáveis.

Esse grupo de avós não se encaixa no que comumente se entende ou se espera de avós, segundo a maioria dos autores consultados. Esses avós, que assumem dupla função avós/pais, têm amor e, devido a circunstâncias da vida, têm que assumir esta responsabilidade, mas se não a tivessem, seria diferente, como diz uma das avós: “Quando eu não cuidava do meu neto, eu passeava mais, eu viajava”; poderiam ter uma vivência mais tranquila. Assumem os netos por necessidade, pelas contingências da vida familiar, mas gostariam de ser como os avós descritos na literatura: viver uma avosidade tranquila e doce.

Muitos desses avós não conseguiram salvar seus filhos; agora imaginam que podem salvar os netos.

Quanto à responsabilidade ser legal, afetiva, ou ambas, ao ouvir os avós, encontrou-se ser legal e afetiva em Dona Dália, mas nos outros avós era afetiva, financeira, circunstancial e moral.

Os avós sujeitos desta pesquisa podem ser considerados, segundo Gauthier (2002), como avós encarregados, que são os avós que substituem os pais na educação

dos filhos, como no caso de Dona Rosa, “[...] *cuido do meu neto desde pequenininho [...] a mãe dele é usuária de drogas e vive na rua*”.

Dona Violeta conta: “[...] *minha filha trabalha o dia todo e não tem tempo [...] eu levei os meninos pra lá porque eles estavam atrasados nos estudos e podiam ficar o dia todo; eu moro entre duas bocas de fumo [...]*”.

Seu Cravo, com 89 anos de idade, ainda é responsável na vida e na escola pelo neto: “[...] *nós cuidava dos netos para a mãe trabalhar*”. Ele nem se lembra de quantos netos e bisnetos tem, mas assume a responsabilidade por esse neto. Há 49 anos, ele é avô. Tem três netos morando ao lado da casa dele com a filha, mãe deste neto.

Dona Dália diz: “*Eu cuido dos meus netos com amor, eu tenho a guarda [...]*”.

Dona Acácia narra: “*Eu crio o meu neto, desde os 4 anos. Não sou responsável de papel, mas sou responsável por tudo, comida, roupa, remédio e escola*”.

Dona Jasmim fala: “[...] *eu trouxe os meus netos para a EPC/PROEM, pois eles estavam atrasados e gostavam de rua. Já deram muita dor de cabeça*”.

Dona Rosa relata: “[...] *sou responsável afetiva e financeiramente*.”

Em concordância com Alves (2006), todos os sujeitos da pesquisa professavam uma religião a qual diziam ser necessária para suportar as vicissitudes da vida.

Seu Cravo repetia muito: “*Graças a Deus, graças a Deus pela vida, por ter ajudado os pais a cuidar dos irmãos, por ter criado os filhos, ajudado na criação dos netos e agora estar ajudando os bisnetos*”.

Dona Violeta, sobre religião, diz: “[...] *eu sei ler e escrever, mas foi Deus quem me ensinou*”.

Dona Rosa, ao conversar sobre fé: “[...] *a gente frequentava a igreja evangélica*”.

Dona Jasmim também relata: “*Eu sou evangélica e frequento a igreja [...]*”.

Dona Dália: “*Acredito em Deus e meus filhos são evangélicos*”.

Dona Acácia relata: “*Sou católica, mas não vou à missa, tenho fé no meu coração [...]*”.

Considerações Finais

No conhecimento da estrutura do Imaginário deste grupo de avós idosos responsáveis por seus netos em vulnerabilidade, em uma escola pública do DF, a desestrutura e a pseudodesestrutura apareceram.

Reconhece-se a complexidade e a dimensão do assunto e percebe-se que o estudo não se esgotou; é importante que continue, pois a maioria dos avós não são os com idade superior a 60 anos, o que se constituiu em uma limitação na pesquisa.

Além de ter dado voz aos avós, a pesquisa poderá contribuir para que os avós encontrem motivação, um novo ritmo na vida e, com o auxílio da instituição, possam reestruturar o seu imaginário.

Pretende-se, com tais resultados contribuir para a construção de políticas públicas que auxiliem os avós que se responsabilizam tanto legal como afetivamente por seus netos em vulnerabilidade, que assumem a função de pais de seus netos, e que, muitas vezes, necessitam voltar ao trabalho para sustentá-los.

Concluindo: Considerando-se que o imaginário é possível de ser reestruturado, que muitas são as velhices, muitos são os papéis que os idosos desempenham, por isso é importante saber que existem idosos que não têm tempo de viver sua velhice com a paz merecida, e que conhecer esse imaginário, como eles vivem, pensam e agem em relação a sua velhice, agora responsáveis por seus netos, depois de terem criado seus filhos, é algo que nos proporciona uma compreensão maior e melhor do fenômeno da velhice e das situações diferentes vividas pelas pessoas idosas.

Referências

Abramovay, M., Andrade, E.R., Esteves, L.G. *et al.* (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade Social na América Latina; desafios para políticas públicas*. Brasília (DF): UNESCO, BID.

Alves, V.P. (2006). A religião e os idosos. *In: Faleiros, V.P. & Loureiro, A.M.L. (Orgs.). Desafios do Envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília (DF): Universa.

Aratangy, L.R. & Posternak, L. (2011). *Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?* (6ª ed.). São Paulo (SP): Primavera Editorial.

Arrais, A.R., Brasil, K.T.R. & Pinto, K.L.B. (2012). A avó como suporte parental na adolescência: discussão clínica. In: Amparo, D.M. et al. (Orgs.). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília.

Brasil. (2010). *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro e 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n.º 1/1992 a 64/2010, pelo Decreto Legislativo n.º 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n.º 196/1994. (32ª ed.). Brasília (DF): Câmara dos Deputados, Edições Câmara.

Brasil. (2012). Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. (3ª ed.). Brasília (DF): Ministério da Saúde.

Dias, M.O. (2011). *Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: O processo de comunicação no sistema familiar*. Gestão e Desenvolvimento. *Viseu*, 19, 139-156. Recuperado em 12 setembro, 2012, de: http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD19/gestaodesenvolvimento19_139.pdf.

Distrito Federal. (2012). Secretaria de Estado de Educação. Subsecretaria de Atenção Básica. *Projeto Político-Pedagógico*.

Durand, G. (1989). *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. Lisboa (Portugal): Editorial Presença.

Durand, Y. (1988). *L'exploration de l'imaginaire. Introduction a la modélisation des univers mythiques*. Paris (França): L'espace bleu.

Gadotti, M. (2000). Perspectivas atuais da educação. *São Paulo Perspec.*, 14(2). São Paulo (SP). Recuperado em 14 julho, 2012, de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200002&script=sci_arttext&tlng=pt%C3%DC.

Goldfarb, D.C. & Lopes, R.G.C. (2006). Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre as gerações. In: Freitas, E.V., Py, L., Cançado, F.A.X., Doll, J. & Gorzoni M.L. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1374-1382. (2ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.

Laplantine, F. & Trindade, L.S. (1997). *O que é imaginário*. São Paulo (SP): Brasiliense.

Loureiro, A.M.L. (1998). *A velhice, o tempo e a morte. Subsídios para a continuidade do estudo*. Brasília (DF): Editora UnB.

Loureiro, A.M.L. (Org.). (2004). *O velho e o aprendiz. O imaginário em experiências como AT-9*. São Paulo (SP): ZOUK.

Nogueira, M.A.L. Os estudos de Gênero na Antropologia do Imaginário. In: Rocha Pitta D.P. (Org.). (2005). *Ritmos do Imaginário*. Recife (PE): Editora Universitária / UFPE.

Paula Carvalho, J.C. (1990). *Antropologia das organizações e educação - Um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro (RJ): Imago Editora Ltda.

Pazini, R.G. & Bandeira, D.R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Rev. Psiquiatra Clin.*, 34(1). São Paulo (SP). Recuperado em 23 agosto, 2012, de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>.

Santos, S.S. (2006). Sexualidade e a velhice: uma abordagem psicanalítica. *In: Freitas, E.V., Py, L., Cançado, F.A.X., Doll, J. & Gorzoni, M.L. (Orgs.). Tratado de Geriatria e de Gerontologia.* Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.

Teixeira, M.C.S. (2010). Violência na escola: o medo nosso de cada dia. *In: Monteiro, S.A.I. (2006). Culturas Contemporâneas, Imaginário e Educação. Reflexões e Relatos de Pesquisa.* São Carlos (SP): RiMa.

Recebido em 25/11/2013

Aceito em 20/12/2013

Vera Lucia Espindola Saito – Odontóloga. Mestranda em Gerontologia. Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília (DF), Brasil.

E-mail: veraes14@yahoo.com.br

Altair Macedo Lahud Loureiro – Doutora em Educação. Professora aposentada UCB e UnB. Brasília (DF), Brasil.

E-mail: altaira@uol.com.br